



SEÇÃO: CONTRADISCURSOS DE RESISTÊNCIA

Inscri(surrei)ções enunciativas em ambientes diversos: discursos pejorativos, ressignificação e revascularização discursivas

Enunciative inscriptions/ insurrections in different environments: pejorative discourses, discursive resignification and revascularization

Inscrip(surreic)ciones enunciativas en diversos ambientes: discursos peyorativos, resignificación discursiva y revascularización

Roberto Leiser Baronas¹

orcid.org/0000-0003-0758-0370

baronas@ufscar.br

Recebido em: 3 set. 2024.

Aprovado em: 7 out. 2024.

Publicado em: 27 nov. 2024.

Resumo: Os discursos injuriosos que ferem a dignidade humana estão presentes nos mais diferentes contextos – dos mais simples aos mais sofisticados tecnologicamente – e circulam desde a parte interna das portas dos banheiros das universidades brasileiras, notadamente os masculinos, ao ambiente digital. No final do primeiro quartel do século XXI, denunciar e desconstruir esse tipo de discurso de ódio se impõe como um projeto político incontornável, primordialmente (mas não só) aos discursivistas – mais ou menos na esteira acadêmica do que desde alhures têm feito, cada um a seu modo e com as suas ferramentas teórico-metodológicas, Marie-Anne-Paveau (2019a, 2019b), Michel Pêcheux (1990) e Paveau, Baronas e Lourenço (2021), somente para ficar em dois eminentes autores do lado de lá do Atlântico. Neste artigo, nosso trabalho toma esses autores como *ins(trans)piração* e busca discutir estratégias de como lidar com esses discursos injuriosos sem ficar preso à sua genealogia e/ou à sua descrição/ interpretação – aspectos muito relevantes, do ponto de vista linguístico-discursivo, mas pouco potentes. A partir do exame de práticas discursivas engendradas pelos sujeitos ofendidos e injuriados, que buscam responder contra as ofensas e injúrias que lhe são desferidas, transformando essas *respostências* em lugares ativos de memória, nossa questão de fundo é produzir um gesto teórico sobre essas práticas. Para tanto, colocamos em *rangimento* as categorias de resistência (Pêcheux, 1990), ressignificação (Paveau, 2019a, 2019b; Paveau; Baronas; Lourenço, 2021) e revascularização discursiva (Baronas; Costa, 2022; Baronas; Costa; Conti, 2021; Baronas; Souza, 2024). O objetivo último do trabalho é contribuir para a construção de uma *sociedade decente* (Margalit, 2007).

Palavras-chave: discursos pejorativos; ressignificação; revascularização discursiva.

Abstract: **Injurious** discourses, which are the ones that harm human dignity, are present in several different contexts – from the simplest to the most technologically sophisticated ones – and circulate from the inside of bathroom doors in Brazilian universities, especially male ones, to digital environments. At the end of the first quarter of the 21st century, denouncing and deconstructing this type of hate speech has become an unavoidable political project (not only, but primarily) for discursivists. More or less in the academic wake of what Marie-Anne Paveau (2019a, 2019b), Michel Pêcheux (1990), and Paveau, Baronas and Lourenço (2021) have been doing elsewhere, each in their own way and with their own theoretical and methodological tools, just to mention two prominent authors from across the Atlantic. In this article, our work takes these authors as inspiration and seeks to discuss strategies for dealing with these insulting discourses, without getting restricted to their genealogy and/or their description/interpretation. These are very relevant aspects, from a linguistic-discursive point of view, but they are not very powerful. Based on the examination of discursive practices engendered by



¹ Universidade Federal de São Carlos, Monjolinho, São Paulo, Brasil.

offended and injured subjects, who seek to respond to the offenses and injuries inflicted on them, turning these responses into active sites of memory, our fundamental question is to produce a theoretical gesture on such practices. For this sake, we have put the categories of resistance (Pêcheux, 1990), resignification (Paveau, 2019a, 2019b; Paveau; Baronas; Lourenço, 2021) and discursive revascularization (Baronas; Costa, 2022; Baronas; Costa; Conti, 2021; Baronas; Souza, 2024) into perspective. The ultimate goal of this work is to contribute to the construction of a decent society (Margalit, 2007).

Keywords: Pejorative Discourses; Resignification; Discursive Revascularization.

Resumen: Los discursos injuriosos que atentan contra la dignidad humana están presentes en los más diversos contextos – de los más simples hasta los más sofisticados tecnológicamente – y circulan desde el interior de las puertas de los baños universitarios brasileños, en particular los masculinos, hasta en el ambiente digital. Al final del primer cuarto del siglo XXI, denunciar y desconstruir este tipo de discurso de odio se ha convertido en un proyecto político ineludible (no sólo), pero principalmente para los discursivistas. Más o menos en la línea académica de lo que han estado haciendo cada uno a su manera y con sus propias herramientas teórico-metodológicas Marie-Anne-Paveau (2019a, 2019b), Michel Pêcheux (1990), Paveau, Baronas y Lourenço (2021), por citar sólo a dos eminentes autores del otro lado del Atlántico. En este artículo, nuestro trabajo toma a estos autores, como ins(trans)piración y busca discutir estrategias para hacer frente a estos discursos injuriosos sin estar atado a su genealogía y/o a su descripción/interpretación. Aspectos muy relevantes, desde un punto de vista lingüístico-discursivo, pero poco potentes. Al examinar las prácticas discursivas engendradas por los sujetos ofendidos e injuriados, que buscan responder a las ofensas e insultos que se les lanzan, transformando estas *respuestencias* en lugares activos de memoria, nuestra cuestión básica es producir un gesto teórico sobre estas prácticas. Para ello, ponemos en crujimiento las categorías de resistencia (Pêcheux, 1990), resignificación (Paveau, 2019a, 2019b; Paveau; Baronas; Lourenço, 2021) y revascularización discursiva (Baronas; Costa, 2022; Baronas; Conti; Costa, 2021; Baronas; Souza, 2024). El objetivo último del trabajo es contribuir a la construcción de una sociedad decente (Margalit, 2007).

Palabras clave: discursos peyorativos; resignificación; revascularización discursiva.

Uma nanonota de (ad)vertência

Durante o fatídico processo eleitoral de 2018, diante das “Inumeráveis”² manifestações chulas, autoritárias, macabras, machistas, homofóbicas e misóginas do então deputado federal e candidato a presidente, hoje inelegível, Jair Messias Bolsonaro, irrompeu inicialmente na web e depois

nas ruas o movimento social #EleNão e algumas de suas variantes, como o #EleNunca. Essa manifestação foi organizada nas redes sociais, especialmente no *Facebook*, na página Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (MUCB) (<https://www.facebook.com/groups/grupomucb/>). Esse movimento, liderado por coletivos feministas e acompanhado pelas mais diferentes forças progressistas brasileiras, ganhou proporções exponenciais nos mais diferentes ambientes: do digital às avenidas e ruas de diferentes cidades do Brasil e do exterior, passando pela aderência desse enunciado em muros, camisetas, canecas, banners, cartazes... O movimento não se resumia a fazer uma simples contraposição ao candidato da extrema direita, mas a toda uma ética e estética nazifascista, que Bolsonaro incorpora, isto é, à qual metonimicamente dá corpo. Muito atentas a essa repercussão, que o movimento antifascista conquistou, as forças reacionárias, lideradas por Bolsonaro, em resposta ao #EleNão, #EleNunca, criaram, notadamente nas redes sociais, o movimento #EleSim.

Muitos discursivistas, dentre eles cito Lourenço Costa (2021), se debruçaram sobre esse fenômeno entendendo entre outras questões que o movimento #EleNão é lapidar para ilustrar, por um lado, que no digital, dadas as suas características tecnolinguageiras, isto é, a relação de mão constitutivamente dupla entre linguagem e máquina/técnica, o discurso tem de ser pensado como tecnodiscurso (Paveau; Baronas; Lourenço, 2021) e, por outro, que a teoria da resignificação proposta por Marie-Anne Paveau (2019a, 2019b) funciona redondamente em fatos discursivos distintos dos analisados pela autora no contexto francês.

Todavia, talvez por intolerância ao omeprazol, ou a outros medicamentos com o mesmo princípio ativo, poucos pesquisadores se debruçaram sobre o #EleSim. Quando muito, por mais pertinente que possa parecer, resumiram-se a dizer que se tratava também de um tipo particular de dialogismo, de interdiscursividade, de polêmica...

² Refiro-me ao lindo poema de Bráulio Bessa, que homenageia as vítimas da Covid-19, brilhantemente musicado por Chico César. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xTKk6N6h5vA>. Acesso em: 25/10/2024.

O nosso texto não tem a pretensão de explorar teoricamente o #EleSim, fenômeno discursivo ainda carente de reflexão discursiva, mas, sim, o fato discursivo que essa prática discursiva traz à tona. Em outros termos e na forma de perguntas, como podemos refletir teoricamente sobre fatos discursivos em que um sujeito produz uma resposta reparadora, a partir de uma ofensa, injúria ou mesmo de uma simples contraposição, em distintos e contemporâneos ambientes sem que repisemos, por mais pertinentes que sejam (e o são!!!), nas categorias de dialogismo, interdiscurso e polêmica? Trata-se de resistência? De resignificação? Ou de revascularização discursiva?

É muito singelamente nas Veredas desse Grande Sertão (ainda pouco habitado epistemologicamente???) que este opuscular artigo busca caminhar, não desconsiderando jamais que a *escrivência evaristoroseana*, por mais prazerosa que seja, é muito perigosa.

Considerações iniciais

Com base no exame de diferentes práticas discursivas engendradas pelos sujeitos ofendidos e injuriados, que buscam responder contra as ofensas e injúrias (manifestadas explicitamente ou sustentadas em quadros pré-discursivos³) que lhe são desferidas, por atores individuais e institucionais, dadas a circular em diferentes ambientes, transformando essas *respostências* em lugares ativos de memória, nossa questão de fundo é produzir um gesto teórico sobre essas práticas. Nesse sentido, procuramos colocar em *rangimento* as categorias de resistência (Pêcheux, 1990), resignificação (Paveau, 2019a, 2019b; Paveau; Baronas; Lourenço, 2021) e revascularização discursiva (Baronas; Costa, 2022; Baronas; Costa; Conti, 2021; Baronas; Souza, 2024). Para tal, mobilizamos um conjunto não exaustivo de dados.

Em um texto publicado inicialmente na revista francesa *L'Homme et Société* em 1982 e, posteriormente, incorporado ao número monográfico "O discurso e suas análises"⁴, organizado por Eni Orlandi e João Wanderley Geraldi, publicado na *Revista Cadernos de Estudos Linguísticos – CEL*, da Unicamp, em sua versão impressa em 1990 e na digital em 2012⁵, cujo título é "Delimitações, inversões e deslocamentos", o filósofo francês Michel Pêcheux, embora não seja esse o seu principal objetivo com o texto, nos oferece uma espécie de paisagem de trabalho sobre a resistência, no âmbito do discurso:

As resistências: não entender ou entender errado; não "escutar" as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira, que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras da sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras...

E assim começar a se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido do interior do sem-sentido.

E através dessas quebras de rituais, destas transgressões de fronteiras: o frágil questionamento de uma ordem, a partir da qual o lapso pode tornar-se discurso de rebelião, o ato falho, de motim e de insurreição: o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um *acontecimento histórico*, rompendo o círculo da repetição (Pêcheux, 1990, p. 07).

Romper com o círculo da repetição para produzir o acontecimento histórico, eis a síntese aforizada da proposta de Pêcheux para pensarmos a resistência. No entanto, embora o filósofo liste uma série de práticas linguageiras: "não entender ou entender errado; não 'escutar' as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira, que se domina mal [...]", a partir das quais poderíamos "começar a [nos]

³ Sobre essa pertinente questão para os estudos discursivos, vale uma renhida leitura do livro *Os pré-discursos: sentido, memória e cognição*, de Marie-Anne Paveau, publicado no Brasil em 2015. Todavia, a versão em francês é fortemente recomendada.

⁴ Esse número temático merece um estudo historiográfico aprofundado, pois uma simples espiada no sumário nos mostra o quanto os estudos discursivos praticados no Brasil eram no seu início policromáticos e foram-se transformando, com base nas *paixões* (mais *tristes*, Dubet, 2020), sobretudo a partir da década de 2000, em monocromáticos: AD francesa, AD materialista, AD crítica, ACD, AD dialógica, AD foucaultiana... e seus respectivos Grupos de Trabalho – GTs na Anpoll e Comissões Científicas da Abralín, cujo diálogo entre as distintas análises, materializado em projetos coletivos – desconstruir o discurso nazifascista que vem assolando o Brasil desde 2018, como as queimadas criminosas nos mais diferentes biomas nos dias atuais, por exemplo –, não existe.

⁵ Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823/4544>. Acesso em: 25/10/2024.

despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido do interior do sem-sentido", ele não deixa explícito como poderíamos realizar tais quebras de rituais. Em outros termos, ele não apresenta as estratégias discursivas que, independentemente do ambiente, poderiam ser mobilizadas para que essas práticas se efetivem. Ademais, em grande medida, talvez por não ser o objetivo primeiro do texto – refletir sobre a resistência –, Pêcheux não menciona que, para além dos poetas, o sujeito leigo, aquele que

"Reconhece a queda. E não desanima. Levanta, sacode a poeira. Dá a volta por cima"⁶, desde a mais tenra idade, especialmente os que não tiveram a sorte de nascer na margem certa do rio, realiza esse tipo de prática (conscientemente ou não) de reinvenção das palavras o tempo todo⁷.

Para dar corpo ao exposto, na sequência, mobilizamos a fotografia⁸ de uma inscrição na cena genérica grafite presente no muro de uma residência em uma das principais ruas de Cuiabá (MT).

Imagem 1 – Grafite de rua em Cuiabá (MT)



Fonte: arquivo pessoal do autor.

Destaco desse grafite a pequena frase "O primeiro direito humano é a fala". Esse enunciado dialoga interdiscursivamente, numa relação muito singular, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, demandando dessa declaração algo que é da ordem da ausência: o enunciado cobra a falta do direito universal à manifestação. Em nenhum dos 30 artigos que compõem a Declaração, o direito à fala está materializado explicitamente. Do ponto de vista da proposta de Michel Pêcheux, temos sem dúvidas uma quebra de ritual, que questiona o acontecimento histórico

que é a publicação da Declaração Universal do Direitos Humanos. Todavia, essa quebra de ritual pode ser considerada em si um acontecimento histórico, no sentido de desestabilizar as redes de memória que o sustentam? Parece-nos que não. Para tanto, é preciso que essas redes de memória, além de se desestabilizarem, sejam convertidas em bandeiras de lutas, notadamente das pessoas minorizadas – aspecto performativo-político coletivo, que sustenta a proposta de Marie-Anne Paveau sobre a teoria da ressignificação discursiva.

⁶ Refrão da música "Volta por cima" da cantora Beth Carvalho. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/beth-carvalho/191125/>. Acesso em: 30/09/2024.

⁷ Nesse sentido, vale muito a pena ouvir a música "Zaluzejo" de Fernando Anitelli, do Teatro Mágico. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N2_EtEvZePQ. Acesso em: 30/09/2024.

⁸ Agradeço à Colega Jubiléia Matos, por gentilmente disponibilizar essa fotografia para mim.

1 Algumas *Enéas* notas sobre a resignificação discursiva

Marie-Anne Paveau (2019a, 2019b) apresenta uma tipologia das práticas tecnodiscursivas resignificantes, baseando-se em três categorias: 1. a recontextualização enunciativa, quando um enunciado insultante é retomado engendrando em seu lugar uma resignificação; 2. a publicação analógica, quando o enunciado insultante é retomado engendrando em seu lugar uma resignificação que passa a circular em contextos distintos dos quais inicialmente circulou; 3. a produção de um dispositivo cultural ou intelectual, quando o enunciado insultante é retomado engendrando em seu lugar uma resignificação que passa a circular em contextos distintos dos quais inicialmente circulou e essa resignificação se transforma num dispositivo cultural e intelectual de resistência. Nesse sentido, a autora propõe uma

[...] teorização da resignificação, de modo a convertê-la numa noção operatória para a análise do discurso, na esteira de Butler, do trabalho de Brontsema, pesquisas anteriores sobre a noção (Paveau 2013a, 2017a, 2017b, 2019) e integrando igualmente a perspectiva de Kunert. Essa teorização excede a própria prática de reapropriação das designações de pessoa e se desvencilha da abordagem lexical ou categorial frequentemente apresentada para exemplificar a resignificação. Ela se abre para outras práticas e táticas discursivas, permitidas pelos universos discursivos digitais, mas não por eles apenas, envolvendo não somente os designativos, mas os discursos, os signos, as imagens, os sons. A resignificação não é, portanto, apenas um processo semântico-pragmático, mas um dispositivo discursivo total, que envolve formas discursivas variadas e pluri-semióticas [das quais os sujeitos ofendidos se valem para responder aos seus ofensores] (Paveau, 2019b, p. 30).

Para analisar a resignificação em contextos digitais, a partir das três tipologias propostas, a pesquisadora francesa propõe ainda sete critérios linguístico-discursivos, que, segundo ela, constituem a resignificação como processo discursivo:

1. critério pragmático: existe uma ferida linguageira provocada pelo insulto,

estigmatização, ataque etc. a respeito da identidade de uma pessoa ou grupo;

2. critério interacional: uma resposta ao enunciado ofensivo é produzida;

3. critério enunciativo: o sujeito agredido é a origem enunciativa da resposta, que ele retoma do enunciado ofensivo por conta própria como auto-categorização, ou ele provoca uma simples recontextualização;

4. critério semântico-axiológico: o enunciado-resposta compreende uma inversão ou mudança semântica e/ou axiológica;

5. critério discursivo: o enunciado-resposta é produzido em contexto diferente do enunciado ofensivo, que é recontextualizado pela "abertura a contextos desconhecidos" (Butler, 2005, p. 234);

6. critério sócio-semântico: o uso recontextualizado do elemento linguageiro é julgado como aceitável e reconhecido como tal pelos sujeitos implicados, que formam um sujeito coletivo;

7. critério pragmático-político: o enunciado resignificado é revolucionário, pois produz uma reparação e uma resistência, ampliando a coesão do sujeito militante (Kunert, 2010) (Paveau, 2019b, p. 39).

Com base nesses sete critérios, a autora define a resignificação como uma prática linguageira, linguística e material de resposta (2) a um enunciado ofensivo (1), efetuada pelo sujeito agredido pela autocategorização ou recontextualização simples (3), que estabelece um retorno do enunciado ofensivo (4) num contexto alternativo (5), o novo uso sendo aceito coletivamente (6), produzindo uma reparação e uma resistência (7).

Para testar a fecundidade da proposta de Marie-Anne Paveau, com base em dados distintos da autora, tomemos um *post* publicado em 2020, no perfil @vhsfranco⁹, da rede social Instagram.

⁹ Na página inicial do perfil @vhsfranco, é possível ler o seguinte comentário metalinguístico: "(vhs é de Vinicius Henrique Silva e não de fita cassete)".

Imagem 2 – Post Verdades por @vhsfranco



Fonte: arquivo pessoal do autor.

No exemplo anterior, temos os sete critérios propostos por Paveau funcionando: 1. critério pragmático: existe uma ferida linguageira provocada pelo insulto, pelo ataque construído alhures e atualizado cotidianamente a respeito da identidade das pessoas pretas, o insulto/ ataque materializado na expressão "tinha de ser preto"; 2. critério interacional: uma resposta ao enunciado ofensivo é produzida: "Deixa eu devolver o orgulho do gueto e dar outro sentido pra frase: tinha que ser preto!"; 3. critério enunciativo: o sujeito agredido é a origem enunciativa da resposta, que ele retoma do enunciado ofensivo por conta própria, "deixa eu..." engendrando uma recontextualização a partir da enumeração de uma série de atletas negros que são considerados

os melhores do mundo em suas modalidades esportivas: "O maior do golf? Preto"; "O maior do futebol? Preto"; "O maior do basquete? Preto"; "O maior da F1? Preto"; "O maior do atletismo? Preto" e "O maior do box? Preto"; 4. critério semântico-axiológico: o enunciado-resposta compreende uma inversão axiológica a partir da enumeração dos atletas pretos, o termo "preto" passa a ter um valor eufórico e não mais disfórico; 5. critério discursivo: o enunciado-resposta é produzido em contexto diferente do enunciado ofensivo, que é recontextualizado pela "abertura a contextos desconhecidos" (Butler, 1997, p. 234), *post* publicado em uma rede social; 6. critério sociossemântico: o uso recontextualizado do elemento linguageiro é julgado como aceitável e reconhecido como

tal pelos sujeitos implicados, que formam um sujeito coletivo: "Deixa eu devolver o orgulho do gueto e dar outro sentido pra frase: tinha que ser preto!"; 7. critério pragmático-político: o enunciado ressignificado é revolucionário, pois produz uma reparação e uma resistência, ampliando a coesão do sujeito militante (Kunert, 2010; Paveau, 2019b, p. 39). Atestam a repercussão performativa-política coletiva do *post* as suas mais de dez mil curtidas, os mil comentários e os mais de três mil compartilhamentos, bem como ser compartilhado pelo Mídia Ninja¹⁰.

Assim como outros exemplos já bastante conhecidos como *drag*, *queer*, puta ou vadia, "viado", sapata... usados em contexto militante como elementos lexicais portadores de confiança, os valores negativos são reapropriados pelos locutores e metabolizados em marcadores do ser. O exemplo anterior é uma das estratégias de luta contra as opressões ligadas à raça nos movimentos contemporâneos, tática essa descrita e teorizada por Judith Butler, em 2003, no livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* e mencionada alguns anos antes por Donna Haraway no *Manifeste cyborg* (1991) por meio de uma analogia animal: assim como as salamandras que reparam suas feridas, promovendo o crescimento dos membros, as pessoas feridas têm a possibilidade, *a partir de e no lugar da sua ferida* (esses marcadores linguísticos são essenciais – "Deixa eu devolver o orgulho do gueto e dar outro sentido pra frase: tinha que ser preto!"), produzindo um discurso reparador,

restaurador e reabilitador.

O exemplo analisado nos mostra a pertinência e a produtividade da teoria da ressignificação proposta por Marie-Anne Paveau para tratar de dados distintos daqueles com os quais a autora francesa trabalhou. No entanto, parece-nos que nem todos os discursos pejorativos, como as ofensas, as injúrias, têm, por um lado, os mesmos destinatários e, por outro, os mesmos sentidos de termos aparentemente similares. Enquanto as ofensas, de um ponto de vista semântico-pragmático, têm um destinatário individual, as injúrias são destinadas a um destinatário coletivo. Para tal, busco embasamento aqui em Basso e Silva (2024, p. 35)¹¹. Em seu artigo, intitulado *Uma tipologia linguística para pejorativos baseados em nomes de animais no português brasileiro*, os autores buscam

[...] investigar a semântica e a pragmática de nomes de animais usados como termos pejorativos no português brasileiro (PB) contemporâneo. Em nossa análise, propomos que alguns desses termos pertencem a categorias semântico-gramaticais distintas e, portanto, devem ser classificados como ofensas, como injúrias e como injúrias de gênero, conforme argumentamos com base em dados de comportamentos e inferências linguísticas. Usando as ferramentas e métodos da semântica e da pragmática formais das línguas naturais, nossa proposta de análise será feita tomando como material um inventário não-exaustivo de termos comumente usados no Brasil.

Trago a seguir o quadro síntese proposto pelos autores Basso e Silva (2024, p. 35).

Quadro 1 – Sobre ofensas, injúrias e injúrias de gênero

	A quem atingem	Características	Termos
Ofensas	Atacam um único indivíduo.	Unidimensionais: somente componente expressivo	canalha, filha da puta, otário, babaca
Injúrias	Atacam uma classe de indivíduos.	Componentes descritivo e expressivo	paraíba, retardado, crente, nóia, japa, índio
Injúrias de gênero ^E	Atacam um grupo de indivíduos de acordo com sua definição de gênero.	Componentes descritivo e expressivo	vagabunda, vadia, puta

Fonte: Basso e Silva (2024, p. 35).

¹⁰ Sem desmerecer o trabalho do Vinicius, muito pelo contrário, talvez pudéssemos contribuir como uma questão interseccional como a de gênero: A maior tenista? Preta; A maior jogadora de futebol feminino? Preta. A maior ginasta? Preta.

¹¹ Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/3715/2280>. Acesso em: 25/10/2024.

Como se pode ver no quadro proposto pelos autores, as ofensas são destinadas a um único indivíduo e são unidimensionais com um componente expressivo somente; já as injúrias são destinadas a uma classe de indivíduos e apresentam ao mesmo tempo componentes descritivo e expressivo. Deslocando a proposta de Basso e Silva (2024) para pensar a questão da resignificação discursiva, com todos os riscos que tal deslocamento possa acarretar, parece-nos que a proposta de Marie-Anne Paveau, dado o seu componente pragmático-político coletivo, seria mais pertinente para tratar das injúrias, reparando-as, que podem ser de raça, gênero, religião... e não das ofensas, mais pessoais. Se o que proponho ancorado em Basso e Silva é pertinente, como tratar de pejorativos como o exemplo a seguir?

Durante a partida de futebol entre Internacional e Corinthians, no dia 14 de maio de 2022, pelo Campeonato Brasileiro daquele ano, o jogador Edenilson disse que foi chamado de "macaco"

pelo jogador Rafael Ramos do Corinthians. A polícia Militar do Rio Grande do Sul contratou uma empresa especializada nesse tipo de prática e o laudo emitido afirmou que, pelas imagens, não foi possível ver o movimento da língua do jogador do Corinthians. Por conta disso, o documento afirmou que não existem elementos sonoros para aprofundar a pesquisa, então o caso segue sem um resultado definitivo. Os peritos escreveram: "Sobre o pedido de exame pericial de leitura labial, ressalta-se que não foi encontrada metodologia científica, aplicada à análise forense de vídeos, que sustente esse tipo de trabalho. Existem apenas publicações sobre percepção visual da fala e aprendizagem de leitura labial"¹².

Em um gesto de *respostência*, o atleta apagou todos os seus *posts* e mudou o nome do seu perfil oficial do Instagram para "Macaco Edenilson Andrade dos Santos". Também a sua foto de perfil foi substituída por outra: nessa última, sobre o rosto do atleta, duas mãos, marcadamente brancas, pressionando/calando a sua boca.

Imagem 3 – Post do jogador do Internacional Edenilson



Edenilson mudou seu nome para 'Macaco Edenilson' no Instagram Reprodução/Instagram

Fonte: arquivo pessoal do autor.

¹² Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2022/06/laudo-do-igp-aponta-que-nao-e-possivel-concluir-o-que-foi-dito-por-rafael-ramos-no-caso-edenilson-cl45wgez900250167dx09v4gh.html>. Acesso em: 28 out. 2024.

O gesto de *respostência* do jogador Edenilson pode ser considerado uma ressignificação discursiva? Em outras palavras, mudar o nome do seu perfil, apagar todos os seus posts e também a substituição da sua foto na rede social Instagram pode ser considerada uma ressignificação, isto é, uma resposta performativa-política? Entendo que por se tratar mais de uma ofensa, no sentido semântico-pragmático do termo, esse gesto está mais para o que estamos designando como revascularização discursiva.

2 Uma *Havanir*¹³ nota sobre a revascularização discursiva

A necessidade de se pensar uma categoria distinta da proposta por Marie-Anne Paveau (2019a, 2019b) irrompe como uma tentativa de dar conta de questões como as mobilizadas a partir do gesto de *respostência* produzido pelo jogador Edenilson. Com efeito, propomos a categoria de revascularização discursiva: um gesto de resposta/resistência – *respostência* – produzido por um sujeito a partir de uma ofensa que lhe foi desferida por um ator individual, ou mesmo institucional, sem que o componente pragmático-político coletivo – uma bandeira de luta em prol de um coletivo, incorporado por um porta-voz autorizado ou não – esteja explícito. Um breve cotejamento entre o *post* do perfil @vhsfranco e o do jogador Edenilson nos parece lapidar das diferenças entre a ressignificação discursiva e a revascularização discursiva. No caso do primeiro *post*, em que está escrito “Deixa eu devolver o orgulho do gueto e dar outro sentido pra frase: tinha que ser preto!”, o componente pragmático político coletivo é explícito. Dito de outro modo, o perfil @vhsfranco, embora também se sinta ofendido com a expressão racista “tinha de ser preto”, assume o papel, muito provavelmente por conta de suas vivências como pessoa preta, de porta-voz dos pretos. Já no *post* do jogador

Edenilson isso não acontece, uma vez que o seu gesto de *respostência*, mesmo sendo uma pessoa preta, não se dá a partir de figura de um porta-voz da comunidade dos pretos, visto que ele não se atribui esse lugar de fala, mas, sim, o de um sujeito que busca abrir espaços enunciativos para os pretos. Não à toa na foto de perfil sua boca aparece pressionada por duas mãos marcadamente brancas, evidenciando que essas mãos estão calando a sua boca. Com isso, não estamos negando nem o caráter individual da *respostência* de @vhsfranco nem o caráter coletivo da *respostência* do jogador Edenilson; nossa questão de fundo é epistemológica. Em outros termos, não dá para “enquadrar” todas as *respostências* dos sujeitos ofendidos como ressignificação; muito menos as injúrias, como revascularização. É preciso levar em consideração elementos que transitam marcadamente numa via de mão dupla da organização linguística para a ordem discursiva e tecnodiscursiva.

A proposta de uma teoria discursiva da revascularização dialoga numa relação de *aliêmica*¹⁴, por um lado, com a discussão feita por Gayatri C. Spivak (2010) em seu ensaio seminal, publicado originalmente em 1985, no periódico *Wedge*, intitulado “Pode o subalterno falar?”¹⁵; por outro lado, com a teoria da ressignificação perquirida por Marie-Anne Paveau (2019a, 2019b).

Para Spivak (2010), na atualidade, a tarefa do intelectual, longe de ser propor-se como porta-voz do subalterno, uma espécie de voz autorizada que denuncia as mazelas pelas quais passam os subalternos, é criar estrategicamente espaços enunciativos para que este último possa falar e, acima de tudo, possa ser ouvido. No entendimento da pesquisadora, esse tipo de trabalho do intelectual, o de criar espaços enunciativos para o subalterno, permite que se realize um trabalho contra a subalternidade, e não a favor dela, como tem sido feito até então.

¹³ Havanir Tavares de Almeida Nitzz foi uma política brasileira candidata a deputada federal que, em diversas eleições – tal qual Enéas Carneiro, ambos do Prona –, por conta da baixa representatividade do partido no Congresso Nacional, diante do pouquíssimo tempo no horário eleitoral gratuito, em suas inserções no rádio e na TV, enunciava somente “Meu nome é Havanir”.

¹⁴ Palavra-valise que junta aliança e polêmica.

¹⁵ Em 2010, esse artigo foi traduzido para o português pela professora Sandra Regina Goulart Almeida *et al.*, transformado num pequeno livro e publicado pela Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, com o título *Pode o subalterno falar?* (Spivak, 2010).

Essa perspectiva retira, assim, os subalternos da obscuridade enunciativa e histórica.

2.1 Desobstrução discursiva simples: o caso do jogador brasileiro Vini Jr. na Espanha

O procedimento cirúrgico denominado revascularização do miocárdio pode metaforicamente explicar algumas das práticas discursivas realizadas por alguns atores sociais, sobretudo, mas não só, os que se encontram numa condição de vulnerabilidade social, por meio do uso das mais variadas tecnologias (das mais primevas às mais sofisticadas).

Perscrutamos que há dois tipos de revascularização discursiva: a simples e a complexa. Tanto a primeira quanto a segunda têm de atender aos seguintes critérios por nós postulados: obstrução discursiva, percurso discursivo, fluxo discursivo e capilarização discursiva. O *corpus* deste artigo é construído por uma pequena coleção de exemplos nos quais é possível perceber que

um determinado sujeito, diante de um obstáculo (uma obstrução discursiva), acaba encontrando percursos alternativos para ultrapassar essas dificuldades. Inicialmente, será apresentado um exemplo que atende aos quatro critérios da revascularização discursiva simples, a partir da desobstrução simples.

No domingo, dia 21 de maio de 2023, o jogador brasileiro Vini Jr. foi mais uma vez vítima de racismo, em partida pelo campeonato espanhol entre Real Madrid e Valência. Durante o jogo, parte da torcida do Valência presente no estádio Mestalla hostilizou fortemente o jogador brasileiro com gritos racistas de *mono*, "macaco" em espanhol. No segundo tempo, o jogo chegou a ser interrompido por oito minutos. Depois de o árbitro conversar com os dois treinadores, o jogo foi reiniciado. Já no final do jogo, após confusão com o goleiro do Valência, Vini Jr. foi expulso. Mais tarde, em seu perfil no Instagram, Vini Jr. respondeu: "O prêmio que os racistas ganharam foi a minha expulsão! "No es fútbol, es @laliga".

Imagem 4 – Post no Instagram do jogador Vini Jr.



Fonte: arquivo pessoal do autor.

Essa última parte do desabafo de Vini Jr. faz menção ao *slogan* da LaLiga espanhola de futebol, utilizado em campanhas publicitárias da entidade. Nesse *post* de Vini Jr., temos uma captação e uma subversão (Maingueneau, 2010) do

slogan da entidade espanhola de futebol: "No és fútbol, es @laliga". Para além de uma captação e uma subversão desse *slogan*, é possível perceber que Vini Jr., diante de um obstáculo (uma obstrução discursiva), acaba encontrando

percursos alternativos para ultrapassar essas dificuldades. De um ponto de vista da teoria da revascularização discursiva, temos os quatro critérios funcionando: 1) há uma obstrução discursiva – o jogador brasileiro foi chamado de “macaco” durante uma partida pelo campeonato espanhol; 2) há um percurso discursivo sendo estabelecido – o atleta demanda da arbitragem do jogo uma atitude ante os atos racistas dos torcedores do Valência, o que propicia a irrupção do critério seguinte; 3) o fluxo discursivo – o atleta é expulso pela arbitragem e, após o jogo, posta nas suas redes sociais: “O prêmio que os racistas ganharam foi a minha expulsão! ‘Não é futebol, é a LaLiga’”; por último, temos 4) a capilarização discursiva – a postagem do jogador brasileiro ganhou repercussão mundial, inclusive implicando muito justamente no âmbito do judiciário os torcedores que cometeram os atos racistas.

2.2 Desobstrução discursiva complexa: a parte esquerda da ProACE

O segundo conjunto de dados, totalmente diferentes dos anteriores, pois não se trata explicitamente de uma ofensa e/ou injúria, mas de uma demanda em cuja base pré-discursiva está o desrespeito à dignidade humana, está materializado nas paredes da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (ProACE) da UFSCar, que fica próximo ao Centro de Educação e Ciências Humanas CECH-UFSCar, em São Carlos, São Paulo. Nessa inscrição, é possível identificar a assinatura de uma autora, a Liz. No perfil @arte.liz da rede social Instagram¹⁶, há um pequeno vídeo mostrando a artista Liz, aluna da UFSCar, produzindo a *inscri(surrei)ção* – inscrição insurgente – por nós analisada.

Imagem 5 – Inscrição grafada na parede lateral da ProACE/UFSCar¹⁷



Fonte: arquivo pessoal do autor.

¹⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7kqkJONYUG/>. Acesso em: 25/10/2024.

¹⁷ Agradeço ao colega Fernando Henrique Rossit por gentilmente registrar essa imagem para nós.

Diferentemente dos dados anteriores, nesta imagem temos manifestadas, no formato grafite, demandas da comunidade acadêmica ufscariana. Trata-se, no entanto, de uma reivindicação nacional do coletivo de alunos que acessam o Programa Nacional de Assistência Estudantil, o Pnaes, reivindicando mais bolsas e que os valores desses investimentos sejam atualizados. Para um imaginário efeito de objetividade, vamos nos restringir à análise dessa demanda: *Por uma ação afirmativa da existência*. Esse enunciado se contrapõe a outro também presente na imagem: *Permanência ou existência?* Também aqui é possível verificar o funcionamento dos quatro critérios da teoria da revascularização discursiva: 1) há uma obstrução discursiva: a política atual de permanência estudantil não possibilita uma vida digna aos alunos; 2) há o estabelecimento de um percurso discursivo: as reivindicações são inscritas no formato grafite na parede de um espaço institucional, isto é, nas paredes da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis da UFSCar, implicando o estabelecimento do critério seguinte; 3) o fluxo discursivo: a reivindicação ganha um outro tipo de materialidade, constituindo-se num lugar de memória; e, por último, temos a 4) capilarização discursiva: no caso em questão, a materialização em outros ambientes (o próprio vídeo da artista Liz em seu perfil no Instagram) das demandas do coletivo de alunos apresentadas alhures por uma política de permanência estudantil que efetivamente garanta a sua existência.

Entendemos que se trata de uma desobstrução complexa não apenas pelo fato de o grafite manifestado se constituir a partir de várias semioses (texto verbo-visual), também não só por trazer novamente à tona uma demanda mais geral dos alunos, mas especialmente por constituir um lugar de memória dessas reivindicações manifestadas alhures. Ademais, por um lado, a demanda dos estudantes aciona uma base pré-discursiva na qual a atual política de permanência estudantil não garante a dignidade humana; por outro, há uma espécie de *continuum* entre a inscrição na parede da ProACE, ambiente não digital, e o ví-

deo postado pela autora da inscrição, a Liz, em uma rede social.

A renhida disputa pelos sentidos materializada nos termos “permanência” e “existência” nos mostra, por um lado, que, como sabiamente nos diz Michel Foucault (1996, p. 10) n’A *ordem do discurso*, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder de que queremos nos apoderar”; por outro lado, que a revascularização discursiva é uma potente ferramenta de empoderamento.

Considerações finais: inscri(surrei)ções e respostências

Conforme enunciamos no início de nosso texto, com base no exame de diferentes práticas discursivas engendradas pelos sujeitos ofendidos e injuriados que buscam responder contra as ofensas e injúrias que lhe são desferidas, por atores individuais e institucionais, dadas a circular em diferentes ambientes, transformando essas *respostências* em lugares ativos de memória, nossa questão de fundo foi produzir um gesto teórico sobre essas práticas. Nesse sentido, além de criar espaços de enunciação para os subalternizados falarem, como sabiamente propõe Spivak (2010), buscamos teorizar sobre esses espaços enunciativos mostrando sua pertinência e relevância como sujeito de estudo.

Nesse sentido, procuramos colocar em *rangimento* as categorias resistência (Pêcheux, 1990), ressignificação (Paveau, 2019a, 2019b; Paveau; Baronas; Lourenço, 2021) e revascularização discursiva (Baronas; Costa, 2022; Baronas; Costa; Conti, 2021; Baronas; Souza, 2024). Embora os dados não sejam numerosos, pois se restringem a uma coleção de exemplos, e nem as análises sejam exaustivas, entendemos que os gestos teóricos engendrados a partir da revascularização discursiva são muito pertinentes do ponto de vista teórico dos estudos discursivos, notadamente para os que se debruçam em compreender como os sujeitos lidam com as suas obstruções discursivas de diferentes naturezas, independentemente das instituições, que *a priori*, em todas as

instâncias, deveriam lhes propiciar guarida legal.

Sem nenhum tipo de *polícarpeísmo* acadêmico ou *jabuticabia* nacional, nosso trabalho avança em terrenos nos quais Pêcheux, Paveau e outros pesquisadores, sobretudo os do Norte Global, patinam e geralmente *atolam*. Com certeza, eles, embora tenham vindo ao Brasil, especialmente a convite dos pesquisadores brasileiros, cuja recíproca *invitatória* não é verdadeira, não conhecem a(s) nossa(s) geografia(s), a(s) nossa(s) história(s), os nossos biomas, os nossos povos e as nossas línguas brasileiras. Trata-se de sabenças brasileiras tão bem representadas metonimicamente, no nosso jeitinho macunaimístico de lidar antropofagicamente com o funcionamento da(s) língua(gens), inclusive com as *mais sofisticadas delas*, as teorias, e sem perder de vista a mais importante das *epistemossociologias*: a busca incessante pela construção de uma *sociedade* (mais) *decente*¹⁸.

Referências

- BARONAS, R. L.; COSTA, J. L. Notas sobre uma possível teoria da revascularização discursiva. *Alfa: revista de linguística*, São Paulo, v. 66, 2022. DOI: [10.1590/1981-5794-e13708](https://doi.org/10.1590/1981-5794-e13708). Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/13708>. Acesso em: 25 out. 2024.
- BARONAS, R. L.; COSTA, J. L.; CONTI T, C. B. Ressignificação discursiva em diferentes contextos: linguística popular e ludolinguistas. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 52, n. 1, p. 15-33, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v52i1.1530>. Disponível em: <https://revistada-anpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1530>. Acesso em: 25 out. 2024.
- BARONAS, R. L.; SOUZA, M. I. Notas sobre inscri(surrei)ções de movimentos sociais: ressignificação e revascularização discursivas. In: GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. *et al. Tecendo sentidos: investigações em estudos linguísticos, textuais e discursivos*. São Paulo, FFCLH/USP, 2024.
- BASSO, R. M.; SILVA, G. Uma tipologia linguística para pejorativos baseados em nomes de animais no português brasileiro: A linguistic typology for animal-based pejoratives in brazilian portuguese. *Revista do GEL*, São Paulo, SP, v. 21, n. 1, p. 36-53, 2024. DOI: <https://doi.org/10.21165/gel.v21i1.3715>.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, J. *The Psychic Life of Power: Theories in Subjection*. California: Stanford University Press Stanford, 1997.
- COSTA, J. L. #EleNão: a hashtag salamandra nos entre-meios da política brasileira. In: PAVEAU, M.-A.; BARONAS, R. L.; LOURENÇO, J. *Ressignificação em contexto digital*. São Carlos: EdUFSCar-Fapesp, 2021. p. 75-100.
- DUBET, F. *O tempo das paixões tristes*. Belo Horizonte: Vestigio, 2020.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- KUNERT, S. *Circulations-transformations. Le stéréotype et la norme re-signifiés : vers une théorie communicationnelle des processus de stéréotypie et de normativité : les minorités sexuelles et de genre dans les discours marchands et les discours militants*. thèse de doctorat. Paris 4: Celsa, 2010.
- HARAWAY, D. J. A cyborg manifesto: science, technology, and socialism-feminism in the late twentieth century. In: *SIMIANs, cyborgs, and women: the reinvention of nature*. New York: Routledge, 1991. p. 149-181. [Original: HARAWAY, Donna J. Manifesto for cyborgs: science, technology, and socialist feminism in the 1980s. *Socialist Review*, United States, n. 80, p. 65-108, 1985].
- MAINGUENEAU, D. *Doze Conceitos em análise do discurso*. Org. e trad. de Sírio Possenti e Maria Cecília Perez Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola, 2010.
- MARGALIT, A. *La société décente*. Champs essais. França: Flammarion, 2007.
- PAVEAU, M.-A. La blessure et la salamandre: théorie de la ressignification discursive. In: COLLOQUE DU CARISM, 2019a, Paris. *Stigmatiser: normes sociales et pratiques médiatiques*. Paris: Université de Paris, 2019b. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02003667>. Acesso em: 30/09/2024.
- PAVEAU, M.-A. La ressignification: pratiques technodiscursives de répétition subversives sur le web relationnel. In: PAVEAU, M.-A. (dir.). *Discours numériques natifs: des relations sociolangagières connectées. Langage & Société*, Paris, n. 167, 2019a. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02145765/document>. Acesso em: 30/09/2024.
- PAVEAU, M.-A.; BARONAS, R. L.; LOURENÇO, J. *Ressignificação em contexto digital*. São Carlos: EdUFSCar-Fapesp, 2021.
- PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. Trad. de José Horta Nunes. *Caderno de Estudos Linguísticos da UNICAMP*, Campinas, n. 19, 1990.
- SPIVAK, G. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida *et al.* Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

¹⁸ Segundo o filósofo Avishai Margalit (2007, p. 08), "[...] uma sociedade decente é uma sociedade que combate as condições, que constituem aos olhos de seus membros as razões de se sentirem humilhados. Uma sociedade é decente se o funcionamento das suas instituições não fornecem razões para que seus membros se sintam humilhados [e/ou sejam mortos]".

Roberto Leiser Baronas

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela FCL/Unesp *Campus* de Araraquara (2003). Atualmente é professor titular no Departamento de Letras, no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFS-Car e pesquisador de produtividade em pesquisa do CNPq. Cito o artigo "Notas sobre uma possível teoria da revascularização discursiva", coautorado com Julia Lourenço Costa e publicado na *Revista Alfa*, no número 66, em 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/alfa/a/gKd6gzSys37HRnWwjCggnK/>

Endereço para correspondência

ROBERTO LEISER BARONAS

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Departamento de Letras (DL)

Monjolinho, Rod. Washington Luís, km 235 - SP-310, CEP 13565-905

Telefone: (16) 3351-8111

São Carlos, São Paulo, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.